

Antologia de escritores Contemporâneos

Volume 11

Outubro/2020
1ª Edição

Copyright © 2020 *by* autores. O conteúdo desta obra é de responsabilidade dos autores, proprietários do Direito Autoral.

Todos os direitos reservados. Proibido a reprodução no todo ou em parte, sem autorização prévia dos autores e editora, sejam quais forem os meios empregados. A violação dos direitos dos autores é crime estabelecido no Código Penal.

Organizadora: Dolores Flor

Revisão: Autores

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

L533a

Leite, Dolores Flor da Cruz (Org.)
Antologia de escritores contemporâneos /
Dolores Flor da Cruz Leite (Org.).- 1. ed. -
Sinop, MT: Ações Literárias Editora, 2020.
100 p.; 14x21cm.
Volume XI
ISBN 978659901497-0
1. Literatura brasileira - poesia. 2. Versos.
I. Título.

CDU 82-1
CDD B869.91

Índices para catálogo sistemático

Literatura brasileira: poesia 82-1
Literatura brasileira: poesia B869.91

EDITORA AÇÕES LITERÁRIAS
CAIXA POSTAL 785 – SINOP - 78.551-350
FONE (66) 99643-5501
www.escritorescontemporanos.com.br
www.saberesonline.com.br

SUMÁRIO

FALANDO COM NOSSA HOMENAGEADA. 11

***JANETE ROSA DA FONSECA*..... 11**

Porque me chamo, como me chamo..... 24

Das incertezas da vida, a certeza de viver 27

Um amor com fronteiras..... 30

Mary Cloe..... 34

Não quero 34

Maria Clara Flor 36

Bolos..... 36

Dolores Flor 37

Luar 37

Marlete Dacroce..... 38

Em sonho você veio..... 38

Emmanuel Bogado 39

Quiero estar contigo 39

Antonio Cesar 42

Esquecível..... 42

Leni Zilioto..... 44

O tempo é hoje..... 44

Maria Cristina de Sá Pereira 46

Máscaras..... 46

Jocafe 47

Se..... 47

Amigos (a partida) 48

Iziz de Andrade..... 49

Eu mulher 49

Jacinaila Ferreira	51
A cura	51
Águas	52
Amanda Lima	53
Fortaleza poética	53
O verso se fez carne	54
Marcilene Cavalcante S. Cervantes	55
Predador	55
Incógnita	56
Bernadete Crecêncio Laurindo.....	57
E por falar em ti.....	57
Dúvida.....	58
Ireneu Bruno Jaeger	59
Menina	59
Setembro/ centro oeste.....	60
Rosane Gallert Bet	61
Não sou poeta	61
Valter Figueira	62
Devaneios	62
Mafalda Moreno	63
Só.....	63
Eu e você	64
Eidi Martins.....	65
Nosso amor secreto	65
Você.....	66
Maria Fernanda Ferreira.....	67
Coexistência	67
Outra	67
Camila Lazarrotto	69

Sobre ser	69
Darcília Lebron Vargas	70
Previsão do Tempo	70
Gotas de Deus	71
Marilene Sousa Henning.....	72
Minha fonte de Inspiração.....	72
Felicidade é:	73
Simone de Sousa Naedzold	74
O encantador de borboletas	74
Neiva Guarienti Pagno	77
A mesma história de sempre	77
Bianca Luísa Pagno	80
Triste e inesquecível canto.....	80
Vilson Roque Bocca.....	82
Obras incompletas.....	82
Uma história mal contada	83
Ivany Magalhães.....	86
Mamãe e o rio.....	86
Artemise Galeno	90
Emily, a estranha	90
Manoel Rodrigues Leite.....	95
Quis custodiet ipsos custodes?	95

Ao Leitor

O volume 11 da série de antologias de escritores contemporâneos é uma obra inestimável. Ela possibilita o contato direto entre diversos autores e estilos. Cada poesia e cada conto que aqui se apresentam possibilitam um contato com sonhos, produções e a beleza que é desfrutar a vida através das artes e das palavras. Trabalhos diversos, unidos pelo carinho da literatura que unem as pessoas em suas entregas as paixões em escrever.

Diante de tantas mudanças existentes, a mudança mais significativa é o ato de se modificar. E, este fato se concretiza no momento em que se confronta com o outro através de suas palavras e ideias. No decorrer destas linhas, que agora o leitor tem a oportunidade de percorrer, o trajeto mais preciso é aquele no qual se permite olhar para dentro de si mesmo. Sem sombra de dúvida, uma obra para tocar os corações e a alma.

Recomendo que o leitor faça seu próprio itinerário, seguindo página por página ou deixando a curiosidade ser o seu guia na busca da apreciação.

Passeie pelos versos e sinta-se livre, assim, como são as palavras que sempre tocam os nossos corações.

Boa leitura.

Manoel Rodrigues Leite
Escritor

NOSSA HISTÓRIA NOSSOS ESCRITORES



Janete Rosa da Fonseca

Nascida no Rio Grande do Sul, é licenciada em Pedagogia com Especialização em Orientação Educacional e um MBA em Administração com Mestrado e Doutorado em Educação e Pós-Doutorado em Neurociência pela Fundação Universidade de Rio Grande (FURG).

No ano de 2008, mudou-se para o Estado de Mato Grosso, onde residiu por 10 anos e passou a atuar como professora em Cursos de Pós-graduação Lato Sensu nos municípios de Lucas do Rio Verde, Sorriso e Sinop. Foi docente dos Programas de Mestrado

e Doutorado em Ciência da Educação em Assunção, Paraguai. Atuou como professora convidada no Instituto Politécnico da Guarda em Portugal. Foi Coordenadora do Curso de Pedagogia e Diretora Acadêmica da Faculdade de Sorriso- FAIS no estado de Mato Grosso e Coordenadora do Curso de Pedagogia da Faculdade La Salle de Lucas do Rio Verde, Mato Grosso, durante sete anos, no período de 2010 a 2017.

Atualmente é professora adjunta e Coordenadora do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, cidade onde reside e desenvolve pesquisas sobre a Formação Interdisciplinar de Professores e sobre Estudos decoloniais: perspectivas de diálogo e discussão de procedimentos teóricos e metodológicos latino-americanos nos cursos de licenciatura, adaptados à realidade multicultural do Brasil, através de grupos de estudos e projetos de extensão que envolvem arte, cultura, literatura e tecnologia. Faz parte também do grupo de pesquisadores do Grupo de Estudos sobre Universidade (GEU/UNEMAT/UFMT).

Durante cinco anos, coordenou um grupo teatral, composto por acadêmicos ingressantes dos primeiros semestres nos cursos de Direito e Psicologia na Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), ainda no Rio Grande do Sul. O objetivo do grupo era abordar as implicações legais e emocionais do uso de

drogas e as peças encenadas pelos acadêmicos tinham intuito educativo. Já no estado de Mato Grosso, foi responsável pela implantação de um Programa de TV, chamado "SOCIOKE?", o projeto envolvia professores de sociologia e língua portuguesa e alunos de Ensino Médio com o intuito de promover a pesquisa e partilhar conhecimentos envolvendo estas duas áreas. Já no estado de Mato Grosso do Sul, o trabalho desenvolvido através de grupos de estudos e projetos de extensão e cultura tem mantido a aproximação entre a arte, cultura, literatura e a tecnologia. É a autora de livros na área da Educação e escritora de contos literários.

OBRAS PUBLICADAS

- ✓ Atos Pedagógicos na Jornada do Currículo (Coautora)
- ✓ Contribuições para Formação do Docente da Educação Infantil: o descortinar do desenvolvimento cognitivo e moral da criança de 0 a 6 anos. (Coautora)
- ✓ Formação em Debate: discutindo práticas pedagógicas com futuros professores. (Org.)
- ✓ A Interdisciplinaridade e os Diferentes Cenários da Educação (Org.)
- ✓ Dilemas do Ensino Superior no Século XXI: muitos olhares, novos rumos (Org.)

FALANDO COM NOSSA HOMENAGEADA **JANETE ROSA DA FONSECA**

1 - AL: Você escreve mais textos científicos, e as principais diferenças entre os textos literários e não-literários estão no objetivo e no modo como são construídos. Como você faz para diferenciar os momentos que você está produzindo ambos os textos?

R: Janete: Estou na docência para o Ensino Superior há vinte cinco anos, destes dezesseis anos dedicados à docência e pesquisa na pós-graduação lato sensu e sete anos a pós-graduação strictu sensu e a produção científica está atrelada a caminhada docente. São artigos científicos, resumos, resumos expandidos, comunicações orais em eventos, trabalhos de conclusão de curso, teses e dissertações. Porém, os momentos em que me recolho e me dedico à publicação de textos literários, são momentos extremamente sublimes onde entro em contato com os personagens dos contos que escrevo e viajo no tempo conforme o recorte temporal escolhido para a construção da narrativa. Embora na hora de escrever, todos queremos comunicar alguma coisa, na escrita científica aquilo comunicado obedece a ação de nosso intelecto, já no âmbito da narrativa literária o que se tenta comunicar nasce de um maravilhoso misto de intelecto e emoções.

2 - Os textos não-literários contribui com seus processos de construção de textos literários?

R: Janete: Claro que sim, por que em ambos os casos a prática inclui a necessidade de aprimorar o conhecimento da língua e por extensão a capacidade de pôr na escrita aquilo que minha mente tenta verbalizar. No que concernem às vivências com o texto literário, cabe a mim enquanto professora estar sempre buscando estratégias para minhas experiências em sala de aula, com vista a despertar meus alunos para uma sensibilidade estética. E os textos literários contribuem para esse momento.

3 - AL Como foi o seu primeiro contato com a literatura?

R: Janete: Meu primeiro contato com a literatura começou muito cedo, lembro com muita ternura e até certa nostalgia, quando meu pai me presenteou com uma pequena coleção contendo 3 livros de contos dos Irmãos Grimm. Eu deveria ter sete anos, na época e fiquei fascinada com a capa, as cores e com a lição de moral contida no final de cada conto. Li inúmeras vezes e mantinha no meu pequeno quarto aqueles livros arrumados como se fossem as minhas preciosidades. Na verdade, cada vez que eu os lia, era como se fosse a primeira vez. Aos nove anos, decidi que escreveria um livro e comuniquei minha decisão a minha mãe, lembro que na época ela não me levou a sério, mas eu improvisei uma mesa de escritório com algumas cadeiras velhas que existiam na casa, papéis e lápis e dei início ao meu processo criativo. A ideia era escrever um livro contando as aventuras de algumas crianças do bairro, onde eu residia e me incluía, mas,

minha trajetória de escritora infantil foi muito curta. Na adolescência, me encontrei com as obras de Érico Veríssimo e me tornei a mais assídua frequentadora da biblioteca da Escola Estadual onde eu estudava. Li o clássico Ana Terra, Um Certo Capitão Rodrigo, olhai os lírios do Campo, praticamente absorvendo as letras ali contidas e na sequência me deparei com "A saga. Fiz a leitura desse clássico de aproximadamente 344 páginas em pouquíssimo tempo, tal a forma como a leitura me prendeu. Até os dias de hoje lembro de trechos dessa obra, mesmo nunca mais tendo voltado a leitura do mesmo. Os detalhes como o autor descrevia as atrocidades da guerra e os problemas sociais enfrentados pelo protagonista da obra mexeram muito comigo. E mais uma vez o sonho de ser escritora se fez presente em meus pensamentos.

4 - AL: Fale-nos um pouco do seu trajeto literário e quando você começou a escrever os contos os poemas.

R: Janete: Escrevo contos pois me encanta essa narrativa, é uma narrativa que envolve apenas um conflito, mas nela posso retratar muitas questões cotidianas. Venho desenvolvendo esse processo criativo desde o início do ano de 2010, ou seja, já são praticamente dez anos, porém, somente agora através do convite para participar do grupo "Antologia Escritores" promovido pela Editora Ações Literárias me senti encorajada a começar a publicar. Na verdade, vocês foram decisivos e extremamente importantes no meu processo, que eu chamo de libertação da

escritora de textos literários que habitava em mim. Gratidão por isso!

5 - AL: Como é o seu processo de escrita literária? Qual é a sua inspiração?

R: Janete: Bom, sou uma pessoa movida pela emoção. Preciso estar bem emocionalmente para criar. E esse estar bem emocionalmente, tem muitos sentidos, envolve lugar, som, sabores e saberes. Tenho um cantinho em minha casa, que considero meu lugar ideal, cercada de livros, fotos da minha amada família e lembranças de viagens inesquecíveis. Às vezes, costumo ouvir jazz ou bossa nova, meus gêneros musicais preferidos, pois sinto que são gêneros que harmonizam com o processo de escrita criativa e acompanhado de uma boa taça de vinho tinto Carmenère, um vinho chileno, extremamente encorpado, ou uma deliciosa caneca de café, tudo dependendo é claro, do horário e da inspiração do momento. Muitas questões cotidianas também me servem como inspiração. É um ato de associar os sabores e saberes da escrita e da Literatura, um momento que é por muitas vezes desafiador, mas é também seguramente, muito criativo.

6 - AL: Você é professora, coordenadora como você vê a literatura hoje na sala de aula no dia a dia com os estudantes?

R: Janete: Como professora formadora de futuros professores vislumbro que há muito o que fazer nesse quesito, pelo qual, o advento da tecnologia, que nos proporcionou encurtar as

distâncias entre as pessoas e entre o acesso à informação, acabou também nos trazendo respostas imediatas a todas as nossas dúvidas. Esse fato, limita nossa capacidade leitora, reduz nossa necessidade de interpretação, tudo o que queremos saber está a um clique, é preciso que a nossa juventude perceba a importância do hábito da leitura e o quanto este hábito interfere na capacidade da escrita. Isso é uma das razões que contribuíram para idealizar o Projeto: Grupo de Leitura: Porque ler nunca é demais, como proposta cultural, na Instituição da qual faço parte. O projeto teve início no ano de 2019, estamos no segundo ano consecutivo de aprovação do Projeto. No ano de 2019, lemos duas obras com os alunos que se somaram ao nosso "Clube de Leitura" como o Projeto é chamado entre nós aqui na Universidade, "As veias abertas da América Latina" de Eduardo Galeano e "1984" de George Orwell. Realizávamos reuniões para reflexão e socialização das leituras a cada quinze dias. Os demais professores começaram a perceber a mudança na forma de escrever e de interpretar textos, ocorrida nos acadêmicos participantes do projeto. O projeto de leitura acabou recebendo um convite que representou um grande desafio, fomos convidados pelas Assistentes Sociais da AGEPEN- Estabelecimento Penal de Aquidauana, Mato Grosso do Sul para atuar no projeto de remissão de pena pela leitura. Começamos a realizar oficinas de leitura e a trabalhar a interpretação e reflexão de clássicos da literatura brasileira junto aos detentos que faziam parte do

Projeto. As mudanças de comportamento que a leitura promoveu foram notáveis. Agora no ano de 2020, devido ao contexto de pandemia da Covid-19, o projeto foi redimensionado e estamos realizando os encontros através do Google Meet e além disso o projeto se renovou, a partir de agora leremos contos, gênero narrativo que me encanta particularmente, e como temos excelentes contistas no Brasil, vamos juntar o útil ao agradável para aproximar nossos alunos da literatura.

7 – Qual o papel da literatura na formação dos futuros profissionais na área da educação?

R: Janete: É sem sobra de dúvidas essencial, primordial. A leitura é um elemento fundamental no desenvolvimento da identidade de um professor e constitui num exercício determinante para o sucesso da prática docente. Isso porque um dos compromissos, em meio escolar, é o de levar o aluno ao aprendizado da leitura. Dessa forma para ser efetivamente um professor-leitor, leitura e planejamento são termos indissociáveis em contexto de ensino. Entretanto, em nosso país, a formação de professores no que tange à questão da leitura e, particularmente, da leitura literária revelam fragilidade. Como sempre vai depender única e exclusivamente de cada um de nós ir em busca dessa formação.

8 - Como escolher um título para indicar para a sala de aula?

R: Janete: Gosto da ideia do diálogo, de analisar as vivências dos alunos para indicar um título. A escolha do título precisa cumprir seu objetivo, levar a prática leitora ao maior número possível de indivíduos, sejam estas crianças, jovens ou adultos.

9- Qual a melhor forma de ler para os alunos?

R: Janete: Considero importante compartilhar as obras, porque torna possível beneficiar-se da competência dos outros para construir o sentido e obter o prazer de entender mais e melhor os livros. O diálogo sobre a obra antes de iniciar a leitura propriamente dita também é muito importante. É como criar uma atmosfera propícia para que a leitura comece, aguçar os sentidos, despertar a curiosidade leitora. A importância da leitura pode ser considerada um manual para principiantes em graduação, que através de uma linguagem clara e objetiva mostra que o ato de ler exige uma consciência crítica, sistemática, adquiridos através da prática. Um professor-leitor, entusiasmado e convicto pode assumir o grande desafio de formar outros leitores críticos e sensíveis.

10 - AL: Quantas vezes você revisa seus textos antes de sentir que eles estão prontos? Você mostra seus trabalhos para outras pessoas antes de publicá-los?

R: Janete: Reviso muitas vezes e como sempre digo para meus alunos, por incrível que pareça,

toda vez que o faço, encontro algo para corrigir ou modificar. Então, chega em um determinado momento em que digo para mim mesma que já está na hora de enviar o texto, seja ele literário ou científico. Não me sinto muito à vontade em mostrar meus textos antes de serem publicados, é como se a relação naquele momento fosse somente entre eu e o texto para depois ser entre o texto e os leitores, é como se a partir daí eu saísse de cena, e deixasse a parte mais importante acontecer. Ou seja, que a obra literária seja à base da reflexão e da vivência e que aqueles que estão lendo o que eu escrevi experimentem sua percepção, e atribuam sentido ao que está sendo lido, sem a minha interferência física.

11 - AL: Quais escritores influenciaram o seu processo de criação literária, desde o início?

R: Janete: Vou ter que citar novamente o grande Erico Verissimo, me sinto de alguma forma influenciada pela leitura de suas obras na minha adolescência, ou seja, desde o início do meu contato com a literatura, creio que este autor foi quem mais me influenciou. As riquezas de detalhes de suas obras sempre me levaram a imaginar como tudo estava se desenrolando e me permitiam criar meu próprio cenário enquanto lia. Outra grande escritora que sinto que também me influenciou muito no processo de criação literária é a inesquecível Clarice Lispector. O curioso é que um dos filhos de Clarice Lispector era afilhado do escritor Érico Verissimo. É claro que nutro um

grande respeito e admiração por estes gigantes da literatura e sei que como escritora sou apenas um grão de areia no deserto compara a genialidade de ambos.

12 - AL: Quais são os seus próximos projetos literários?

R: Janete: A escrita literária me encanta, me remete a outros lugares sem precisa sair de onde estou, é algo que me renova a cada desafio proposto e não pretendo abandonar esse doce sabor tão cedo. Estou escrevendo um romance, ainda não está pronto, mas pretendo concluir em breve. Preciso concluir pois já está com 230 páginas, estou muito apegada aos personagens principais (risos), já está na hora de propor um desfecho.

13 - AL: Quais são seus escritores / livros favoritos?

R: Janete: Alguns escritores me produzem grande admiração e até mesmo certo fascínio. Sempre me encantei pelas obras de Pablo Neruda, Gabriela Mistral, Gabriel Garcia Marques, Eduardo Galeano. Porém, devido a minha origem, creio que Érico Veríssimo, por fazer parte das leituras da minha adolescência e por ter construído todo um imaginário ao redor de suas narrativas, seja meu escritor preferido, mas como livro favorito cito, "As veias abertas da América Latina" de Eduardo Galeano, esta obra nos faz ficar frente a frente com todo um contexto necessário para o entendimento da

estruturação econômica, política e social da América latina, é um romance imperdível.

14 - AL: Qual obra sua que você gostaria de destacar?

R: Janete: Ao responder essa entrevista, confesso que deixei esta pergunta para o final. Se fosse para destacar alguma obra não literária das que já produzi, destacaria o livro chamado Contribuições para a formação do Docente da Educação Infantil: o descortinar do desenvolvimento cognitivo e moral da criança de 0 a 6 anos. Mas se é para destacar um dos contos que já escrevi, fico em um impasse muito grande. Tenho um apreço especial pelo conto: A menina triste sem laço de fita. Esse conto é muito denso e tem um clímax inesperado que exige do leitor uma interpretação profunda. Mas também tenho um carinho pelo conto: Porque me chamo como me chamo, que escrevi em homenagem a minha vó, que me deu o nome que carrego e me inspirou na profissão que escolhi e na qual sou imensamente feliz.

15 – AL: O que você acha que mudou no seu processo de escrita ao longo dos anos? O que você diria a si mesma se pudesse voltar à escrita de seus primeiros textos?

R: Janete: O que sempre digo aos meus alunos e meus orientandos, mais leitura, quanto maior a quantidade de leitura, melhor a qualidade da produção escrita. Sempre gostei de ler, contos infantis, gibis (lia muito) e clássicos da literatura. Quando iniciei meus estudos na graduação

comecei a me dedicar a leitura de textos e livros pertinentes à minha formação. Os livros sempre foram ótimos companheiros em viagens, em longas esperas em aeroportos, em muitos momentos e continuam sendo meus companheiros. O que mudou no meu processo de escrita, é que me tornei uma severa crítica de mim mesma e acredito que hoje meu processo de escrita seja bem mais organizado do que era no começo. Mas como escrevi no início da resposta à sua pergunta, diria a mim mesma se pudesse voltar a escrita dos meus primeiros textos: Leia, leia de novo, leia outra vez!!

16 - AL: Qual dica você deixaria para escritores iniciantes, com base em suas próprias experiências?

R: Janete: O percurso para a realização deste sonho, e eu gosto de chamar assim, pois lembro que na minha infância sonhava em ser escritora, se desenvolveu a partir de uma apreciação teórico-metodológica. Foram realizadas leituras prévias e consultas em referenciais teóricos tanto em suportes textuais impressos quanto midiáticos, entendo que muitos dirão que o que importa é escrever com o coração e como me reportei anteriormente sou movida pela emoção mas iniciar um processo de escrita representa um compromisso com o leitor então, procurei me certificar do caminho que eu estava seguindo. O conto é um gênero narrativo bem mais curto e apresenta uma estrutura mais fechada, onde a história se desenvolve naturalmente e atinge apenas um clímax. Há uma trama central, sem tramas secundárias, o que faz

dele um tipo de obra literária mais concisa do que as outras. Quem sou eu para dar dicas? Bom, se me permitem eu diria que procure conhecer muito bem qual o gênero narrativo que mais se identifica com sua personalidade. No meu caso, me sinto muito feliz no momento em que me preparo para escrita de um conto e começo a experienciar o que escrevo durante o processo criativo.

Textos da autora

Porque me chamo, como me chamo

A garotinha Eva, ia todos os dias para a Escola, sonhava com um futuro brilhante, queria ser professora. Costumava se imaginar ensinando e sonhava com uma classe cheia de alunos com olhos brilhantes, tão brilhantes como ficavam os dela, quando sua professora ensinava os conteúdos em sua classe na pequena Escola na zona rural onde Eva estudava.

Durante esses momentos em que sua imaginação ia longe, Eva podia criar uma realidade muito diferente da sua. Nesse mundo que ela criava, não existia nenhuma dor e nenhum preconceito, as crianças iam juntas para Escola e todas davam-se as mãos na hora de brincar. A pequena Eva, nascerá com uma má formação congênita nas mãos e nos pés, o que lhe impedia de caminhar do mesmo jeito que as outras crianças e que lhe impingia o isolamento na hora das brincadeiras de roda, uma vez que nunca nenhuma coleguinha, queria dar-lhe a mão. Para uma menina de sete anos de idade, poderia ser considerado um grande sofrimento para época, ser privada das brincadeiras de roda, mas o sofrimento da pequena Eva não parava por aí, algo muito mais triste sempre a esperava na saída da Escola. Os meninos e suas pedras, que impiedosamente eram atiradas contra aquela pequena criança, que todos julgavam ser muito estranha. Mas no meio de tudo aquilo,

enquanto Eva tentava correr, com toda a sua dificuldade, para fugir dos golpes das pedras sendo jogas contra seu pequeno e frágil corpo, uma imagem encantadora e um perfume de flores do campo pôs fim aquela triste cena.

Sua professora da primeira série, veio em seu socorro, chamou a atenção de todos seus alunos e prometeu a pequena Eva, que a admirava com seus olhinhos brilhantes, que todo o final de aula, iriam juntas para casa. E assim na verdade teve início uma linda história de alfabetização, respeito, carinho e muita admiração, a Professora ensinava a todos a escrever e ler, mas com Eva era diferente pois necessitava que a pequena menina conseguisse desenvolver a habilidade de segurar o lápis. E todo o dia no final da aula, como prometido as duas iam juntas para casa, de mãos dadas, a Professora preparava um gostoso lanche para Eva, pegava na sua mãozinha e lhe ensinava a escrever. Os olhos de Eva não conseguiam esconder seu fascínio pela professora, seu perfume de flores do campo, sua voz doce e suave lhe ensinando as primeiras letras. Passaram muito tempo juntas, Eva aprendeu muito com sua Professora e quando se despediram, Eva lhe fez uma promessa, um dia quando se tornasse uma pessoa adulta, se tivesse uma filha, daria a essa filha, o nome de sua professora, como uma homenagem, pelo bem que lhe havia feito, por ter lhe mostrado o mundo das letras, que Eva tanto sonhara conhecer.

Porém, a vida da pequena Eva, continuou sendo de muita luta. Cedo teve que deixar os estudos e ajudar a mãe, no sustento da casa. Muito jovem, conheceu Pedro, um jovem português recém-chegado ao Brasil, com ele Eva casou-se e teve sua primeira filha, e logo tratou de pedir ao marido:

— Quero dar a nossa filha, o nome de uma pessoa que foi muito importante para mim, minha primeira professora! Sei que trará sorte para ela!

Pedro, não aceitou o pedido de Eva, era um bom homem, mas havia dito a Eva que ele escolheria todos os nomes dos filhos, para manter viva sua cultura trazida de Portugal. E assim foi, Eva teve três filhos com Pedro, uma menina e dois meninos. Viveu feliz com ele, até seu prematuro falecimento. O que a fez voltar a trabalhar em residências para poder criar seus filhos. A vida de Eva, seguia sendo uma vida de dificuldades, mas ela nunca esquecerá a promessa feita a sua Professora, aquele ser de luz, que lhe ajudou tanto, Eva aprendeu tanto com ela, aprendeu até mesmo a bordar. Então mais do que uma promessa era a necessidade de ver realizado esse desejo que passados tantos anos, ainda estava vivo no coração e na mente de Eva. Os filhos de Eva cresceram, casaram-se e mesmo que ela tivesse sonhado com essa possibilidade, nenhum deles tinha escolhido a profissão de professor. No ano de 1965, nasce a primeira neta de Eva e ainda no Hospital, ao

acompanhar o nascimento de sua primeira neta, ela correu para olhar se o bebê estava bem, se havia nascido saudável e pediu a sua filha e a seu genro, após contar rapidamente uma passagem de sua infância, se poderia dar a sua primeira neta, o nome de sua querida e inesquecível professora. Eles concordaram com o pedido dela, e hoje eu Professora Janete, escrevo esse conto, em homenagem a minha Vó Eva que me deu o nome que carrego e desempenho essa profissão com muito orgulho!! Minha Vó faleceu aos 87 anos e ainda pode ver sua neta exercer à docência!

//

Das incertezas da vida, a certeza de viver

A lida no campo, desde menino, fez de Pedro um jovem extremamente tímido e por que não dizer até mesmo um tanto solitário. Dividido entre suas lidas cotidianas, o trato com os animais da Fazenda onde nasceu e cresceu e seu imaginário, assim Pedro passava seus dias.

A Fazenda ficava localizada em uma região de verdes campos, cercada por uma vegetação tão densa que fazia harmonia com o céu azul e que em determinadas épocas do ano, era açoitada pela força cortante e gelada do vento minuano. Pedro cresceu na Fazenda, seus pais trabalhavam na Fazenda, seus irmãos trabalhavam lá também, sua Escola estava

situada dentro da propriedade, todas as pessoas que ele amava, na verdade todas as pessoas que o menino Pedro conhecia estavam ali. Então, aquele sempre foi o seu universo.

A adolescência chegou e rapidamente foi embora para um menino que acordava antes do sol nascer para se dedicar ao no campo, os sonhos do jovem rapaz, nunca iam além da porteira.

A vida adulta trouxe para Pedro uma necessidade diferente, uma vontade de construir sua própria família, de ter um sentimento diferente abrigado em seu peito solitário. Ao fazer o mesmo caminho todos os dias dentro das terras que pertenciam a Fazenda em que Pedro trabalhava, seu olhar encontrou o que procurava, a jovem tão tímida quanto ele, lhe dirigia um sorriso acanhado, sem deixar de ser levemente atrevido, cada vez que seus olhares e seus caminhos se cruzavam. Dos tímidos olhares para a aproximação, o pedido para namorar e o casamento de Pedro e Marta, pouco tempo se passou.

A vida de Pedro mudou radicalmente, era um homem casado agora e logo a chegada de um filho aumentou a família de Pedro. Os anos foram passando, o filho de Pedro cresceu, Marta amadureceu e assumiu o controle de sua família.

E Pedro? Pedro continuava na verdade, exatamente igual, não se percebia nenhuma mudança em seus hábitos, em seu rosto, em seu cotidiano, em seu ânimo. Ele era o mesmo

da infância, tímido, solitário, que se ocupava da lida do campo, ia do trabalho para a pequena casa que ficava nas terras dos seus patrões, exatamente igual ao que seus pais fizeram toda a vida. A diferença é que agora Pedro também servia para animar as conversas dos moradores e trabalhadores da propriedade, devido a fama que Marta sua esposa adquiriu por sempre responder por ele aos questionamentos, bem como tomar todas as decisões.

Pouco se ouvia sua voz, as vezes os vizinhos passavam na estradinha em frente à casa ao entardecer e o viam sorvendo mate, com um olhar que muitos não sabiam dizer se estava perdido em devaneios, ou encantado, contemplando o brincar alegre de seu único filho.

Num entardecer de inverno, Pedro aguardava que Marta o chamasse para jantar enquanto tomava o seu mate, como de costume do lado de fora da pequena casa. Pelo menos é o que Marta pensava ao pedir ao filho que chamasse o pai, uma vez que o jantar já estava pronto.

O menino entrou na casa assustado, dizendo a mãe que o pai não estava lá. Sem acreditar no filho, pois isso era impossível, Marta procurou por Pedro.

A procura se estendeu por toda a noite, os vizinhos empregados da Fazenda, os demais familiares de Pedro, todos se juntaram em uma busca desesperada, porém, em vão. Pedro nunca foi encontrado.

Hoje, vinte anos se passaram, há quem diga tê-lo visto aqui ou ali, com um enorme sorriso no rosto, vivendo tudo aquilo, que em seu silêncio, desejava viver!

//

Um amor com fronteiras

Era janeiro, e os meses de janeiro, naquela região, costumavam trazer uma brisa agradável. Mesmo sendo verão, as manhãs e as noites ainda eram geladas, pois as temperaturas mínimas sempre giravam em torno dos 15 graus Celsius. Por estar espremido entre o mar e as montanhas, o lugar, pelo menos, era o que os moradores acreditavam, atribuía um ar de melancolia a quem ali residia.

Para Júlio, não era diferente, a vida não tinha sido muito generosa com ele, parecia que todos os seus amores, por algum motivo, mais cedo ou mais tarde, lhe abandonavam. E não era devido a sua aparência certamente. Dono de uma beleza singular, olhos negros e cabelos negros que lhe adornavam o rosto de uma pele de cor canela, que o distinguia dos demais habitantes do lugar, era um romântico e sofria por cada tentativa frustrada de encontrar o amor de sua vida.

Após ter passado por algumas frustrações amorosas, Júlio havia se resignado a sua solidão e vivia dedicado ao seu trabalho, sem imaginar que aquela noite de janeiro mudaria completamente sua vida.

Ana estava chegando naquele vilarejo para passar férias, vinda de uma região completamente diferente da de Júlio, onde as temperaturas amenas, giravam em torno dos 30 graus, era dona de uma alegria contagiante. Os cabelos longos e loiros e o riso fácil e farto, contrastavam com a baixa estatura de Ana.

O encontro de Júlio e Ana, aconteceu no primeiro dia da chegada dela naquele lugar e não, não era um conto de fadas, muito longe disso, afinal, ambos eram já bem maduros e carregavam marcas que os impediam de acreditar nisso. Mas o encontro entre eles promoveu uma aproximação entre duas pessoas, completamente diferentes e ao mesmo tempo tão iguais. Para Júlio ela era a mulher mais adorável que ele havia conhecido em muito tempo. E em sua mente experimentava uma projeção cada vez maior de sua imagem sorrindo sempre.

Para Ana, ele era tudo o que lhe faltava, com Júlio se sentia uma pessoa melhor, podia ser ela mesma o tempo todo. Passavam muito tempo juntos e a necessidade um do outro se tornava cada vez maior. Mas existia algo com que ambos não contavam, como o amor era cada vez maior, a necessidade de estar sempre juntos também, porém, viviam em países diferentes, tinham toda uma vida profissional construída em seus países e romper assim, na fase em que se encontravam, representaria um risco muito grande que os amantes teriam que correr.

Mas, quando se está apaixonado, não se consegue ser racional e quando Ana regressou a seu país, deixou em Júlio um vazio imenso que

as mensagens trocadas através das tecnologias disponíveis na época não eram capazes de suprir. Júlio não hesitou, rompeu com tudo, família, amigos, carreira, tudo o que havia construído ao longo dos seus quarenta e cinco anos de existência e partiu ao encontro de sua amada Ana, afinal o amor não tem fronteiras, não é mesmo?

Porém, ao chegar ao país de sua amada Ana, se deparou com muitas fronteiras a transpor, era um estrangeiro em um país com costumes completamente diferentes do seu, mal falava o idioma e não podia ser visto na companhia de Ana publicamente, devido ao cargo que a mesma ocupava e alguns segredos que ocultava, sua fronteira passou a ser um pequeno apartamento de apenas três cômodos, onde passava os dias fechado aguardando pela noite e pela chegada de seu grande amor.

Por ter passado toda sua vida espremido entre o mar e a montanha, viver agora espremido entre aquelas paredes, mas, com a certeza de que todo dia um raio de sol cheio de alegria e amor invadiria sua vida e transformaria tudo, fazia com que Júlio se sentisse bem e tivesse a certeza de que aquela era só mais uma fronteira que ele precisaria transpor para poder viver plenamente ao lado de sua amada.



Escritores
Contemporâneos

Não quero

Não quero nada
Não quero dinheiro
Não quero beleza
Não quero política
Não quero status
Não quero poesia
Não quero risos
Não quero lamentos
Não quero sol
Não quero lua
Não quero vida
Não quero morte
Não quero azar
Não quero a sorte
Não quero Sul
Nem o Sudeste
e nem o Norte
Não quero praia
Não quero campo
Não quero bebida
Não quero comida
Não quero vírus
Nem blá, blá
Não quero canções
Não quero dança
Não quero conversa
Não quero Drummond
Não quero Cora

Não quero Pessoa
Não quero Lispector
Não Quero Cecília
Não quero Márquez
Não quero Neruda
Não quero Evaristo
Não quero Whitman
Não quero flores
Não quero amor
Nem desamor
Não quero noite
Não quero dia
Não quero palavras
Não quero caneta
Não quero fôlego
Não quero brisa
Não quero humano
Nem desumano
Apenas quero ser gente.

Maria Clara Flor
Sinop-MT

Bolos

De

Chocolate

Laranja e

Cenoura.

Milho

Baunilha

Nem sei quais são todos os sabores,

Um mais gostoso do que o outro

Bolos são uma delícia em qualquer momento.

Amo bolos.

Luar

No céu, as estrelas se unem com a lua.
Para desfrutar da noite silenciosa e
refrescante.
Correm pelo infinito, espalham o brilho.
Acendem os corações dos amantes.

O vento leva e traz a brisa,
Meus pensamentos voam no espaço infinito,
Jogado ao vento caminha meu amor,
Passos lentos como as nuvens.

Coração partido, você não voltou.
Lágrimas misturam na noite escura.
Luar escurecido, eu entristecida,
Imensas fendas se abrem em meu peito...

Fim de noite, coração em repouso.
Espero que de manhã o orvalho,
Possa banhar minha alma,
E o sol aquecer meu ser.

Marlete Dacroce
Sinop-MT

Em sonho você veio

A distância os corpos separa
Mas o desejo e o querer permanece
E mesmo assim
Você vem para junto de mim
Me enlouquece
A noite escura nossas almas
Se buscam na imensidão
Se atraem
Se sentem
Almas idênticas
No magnetismo da paixão
E nesse desejo mútuo
Você veio
Em meu sonho
E com beijos suaves foi me conduzindo
O cheiro de amor do corpo seu
Ali estava juntinho ao meu
Sua pele suave
Me envolveu e eu toquei o seu
E como mágica
Senti seu corpo acoplado ao meu
Quem diria que mesmo em sonho
Na distância
Nossas almas se juntaram
E em uma energia delirante
Se amaram

Quiero estar contigo

Yo quiero estar contigo
Porque sos mi amiga
Sos mi amante
Mi confidente
Mi hermosa
Mi ternurita
Y me gusta estar contigo!
Todo ese tiempo que estuvimos juntos
Desde que te conocí
Yo te buscaba para estar junto a vos
Cuantas veces nos escapamos
E hicimos muchas cosas hermosas juntos
Esos momentos son lo máximo para mí
Siempre me gustó...
Quiero volver a hacer todo eso otra vez
Obvio que sí!
Es que te quiero mucho
Yo te aprecio...Te estimo
Sigo siempre aprendiendo cosas contigo
Me encanta pasar todo el tiempo contigo
Pero yo soy una persona inestable
Y vos me entendes en ese punto
Es que no puedo prometer una relación seria
por mucho tiempo
A mi no me gustaria ser así, pero, soy así, y
no puedo cambiar
Me aburro con la rutina

Pero contigo siempre que puedo quiero estar
Y cuando estabas acá
Siempre que pude estar, yo estuve contigo
Eso fue un tiempo genial para mi
Y a mi me encantó mucho
Nadie me obligó estar contigo
Yo quería estar contigo
Te quiero mucho
Me encantas...
Quiero mucho estar contigo ya hablamos de
eso
Claro que me gusta
Que me encantas
Siempre extraño tu piel
Las locuras que hicimos juntos
Tomar tererê...
Compartir...
Hablar, contar cosas, las nuestras historias
Lo que pasamos,
Lo que podemos pasar juntos
Y yo no tengo problema que un día usted
venga y me digas: ¿Vamos ahora?
¡ Y yo hablaría sí...Vamos!
Me encanta porque tenemos la misma forma
de vivir la vida
De mirar las cosas la misma gana
Son pocas las personas que tienen y pocas las
personas que pueden encontrar personas así
tan similares
Y nosotros encontramos uno al otro y por más
que los momentos fueran cortos, fueran más
largos de lo que muchas personas en toda su
vida no podrán encontrar, muy difícil

Pero nosotros en tan corto tiempo,
encontramos
¡Me encanta estar contigo!
Yo no tengo problema dejaría todo para ir
contigo
Acá todos quieren decir como vivir mi vida
Pero yo quiero vivir la vida intensamente
Quiero estar todo el tiempo y vivir todo el
tiempo que puedo contigo
¡Te quiero mucho, me gusta estar contigo!

Esquecível

Os que se foram
plantaram as origens da cultura,
mas nos deixaram seus restos
num último toque em taças de ouro.
— Onde está a chave?

Procuro a verdade na literatura,
onde suas coroas fragmentadas
revelam os fins da perfeição
sob um vaso prateado.
— Mas que porta abrir?

Revelam seu falso sorriso
em meio a dedos entrelaçados
ao gravar elogios numa pedra
em um círculo perfeito.
— O que tem do outro lado?

Sangue vivo nas veias mortais
fervem ervas daninhas,
desvelando uma pintura
de flores artificiais.
— O que fará quando atravessar a porta?

Só a presença do seu abraço
preenche as cadeiras vazias
quando a escuridão em chamas
me lembra de nossas mãos dadas.
— Será que a porta ficará aberta?

Esqueletos impronunciáveis
joram de todas as direções
quando a linha sem falhas
foge por uma janela.

— E quando descobrir que é a chave errada?

O tempo é hoje

O beijo demorado, marcado, roubado.
O abraço apertado, de amigo, de irmão, de
coração.
Os encontros e os reencontros.
Tudo está em *stand by*.

Ligou uma luz. La dentro.
Ela consome a energia de alguns desprevenidos.
Aquece os porões de outros. Evoluídos?
Silêncio. Até na rua, nenhum ruído.

E a travessia. Necessária.
A seu tempo. Em seu ritmo.
Sempre, o livre arbítrio.
Apesar dos suspiros de "Meu Deus!".

Há quem diga que é isso.
Eu até já pensei que é aquilo.
O que sei?

O invisível paralisou matérias.
Transportou almas e sentimentos.
Marcou uma geração, a pandemia!

O ser humano está se mostrando
em sorrisos no olhar.
Em oportunidades para amar.

O corpo cansado.
A mente, também.
Quero colo, quero teu colo.

Preciso um carinho
de quem me quer bem.

Preciso um chuveiro,
banheira com mel,
lençóis brancos, e muito tempo.

Tempo pra mim...
Com você!

Nova!
Liberdade!
Nova!

Nova fase!
Novos horizontes!
Novo contexto!
Novas emoções!

Metamorfose!
Somos.

Maria Cristina de Sá Pereira
Sinop-MT

Máscaras

Máscaras que salvam,
Máscaras que escondem,
Máscaras que curam,
Máscaras que protegem.

Salvam do constrangimento,
Do sorriso triste,
Da vontade de chorar.

Escondem sorrisos,
Escondem amarguras,
Escondem medo.

Curam choro,
Curam a mágoa,
Curam a tristeza.

Protegem da doença,
Protegem da vida,
Protegem de ti e de mim.

Máscaras que dizem
Mais de mim,
Mais de você e de nós,
Simplesmente máscaras.

Se....

...Sem rir/ Sem falar...uma das mãos/a outra
(cantiga popular infantil)

SE SÓ,
SE FOR,
SE VIR,
SE RIR,
SE AGIR,
SE PENSAR,
SE BRINCAR,
SE VIRAR,
SE RIMAR,
SE AMAR.
SE FOR ASSIM,
SERÁ O AMOR.
SE NÃO FOR ASSIM,
SERÁ O FIM.

Amigos (a partida)

Amigos, festa, risos
Alegria,
Uma ponta de tristeza
Pela partida,
Grandes amizades, cultivadas
Que ficarão na distância,
Lembradas.

O duro de se arrumar a mala
É prepará-la
Para levar a saudade dentro.

Nova velha cidade,
Novo rumo,
Quando o aprumo ?
As crias, como as querias,
Por perto,
Por certo,
Refestelarão

E, no definitivo ninho,
À espera de uma incerteza,
Na espera de um sino
Badalar um tempo novo :
O da delicadeza.

Eu mulher

Na solidão da noite
Na quietude do espaço
Eu Mulher estou só
Rodeada de gente
Que não atende
Ao meu lamento.

Na correria do dia
No alvoroço da hora do pique
Eu Mulher estou só
Rodeada de gente
Que não se interessa
Por meu lamento

No calor desta cama
Enlaçada ao homem que dorme
Eu Mulher estou só
Rodeada por Ele
Que não entende
O meu lamento.

E corre a vida
É escorre os dias
E eu Mulher estou só
Rodeada por eles
Que não compreenderam
Os meus lamentos

Mas mesmo assim
Valeu a pena
Pois Eu Mulher, que vivi só
Construí um mundo
Para os que amo
Sem que fosse necessário
Passar para Eles
Os meus tormentos.

A cura

Silêncio de versos
Que se calam
Diante do caos
Do nada
Do ar
Contaminado de esperança
De viver
Crescer
Ser vida!
Silêncios murmurantes
Mentes que como máquinas
Vivem a maquinar
Uma cura...
Um remédio que previna
Do medo que assola
Medo dos açoites
Da escuridão
De peles
Branças de rancor
Respirações que aos poucos
Inspiram
A doença invisível
Tem nome
Pré-conceitos
Censura
Enquanto isso...
Mentes continuam
A busca
Procura...
De um mal
Sem remédio
Sem cura.

Águas

Minha liquidez
Propicia
Ser correnteza,
Ser calmaia,
Cristalino
Ou águas turvas...
Ser peixe
E até tubarão
Ser areia e registrar
As pegadas dos que passam
E me permitem olhar
Beijar areias
descansar...
Sua admiração
Diante de uma grandeza
Que parece não ter fim...
Seu mergulho e alegria
Me paralisa
A observar
E cada vento que passa
Me descubro ainda mais
Não sou só imensidão
Sou...
Água,
Doce,
Salgada,
Sou ondas,
Sou rio,
Sou MAR!

Amanda Lima
Sinop-MT

Fortaleza poética

Esqueci de lembrar da poesia
Sem saber que ela estava em mim, latente
No meu sangue ela era permanente
Uma herança de quem eu fui um dia.
Ela tem o poder da anestesia
Me fazendo sofrer com mais leveza,
Quando eu joga os meus versos sobre a mesa
Pra então transgredir a minha dor
É num verso sutil e acolhedor
Que eu encontro a minha fortaleza.

O verso se fez carne

O verso que me desnuda
Que revela minha essência
É quem me dá a cadência
Com seu poder, me transmuda
Que me serve de ajuda
Um script em poesia
Me oferece a energia
O meu verso é meu engenho
Ele é tudo que eu tenho
Pra enfrentar o dia a dia.

Marcilene Cavalcante S. Cervantes
Sinop-MT

Predador

Minha alma geme quando penso no amor
O amor que está nos sonhos,
Na imaginação dos poetas,
E na ilusão dos tolos;
O amor é uma miragem
No deserto de lágrimas,
Um predador,
Que lança as almas no abismo,
Nas chamas dos desejos,
E provoca:
O desgaste da espera,
O medo da entrega,
O desalento,
A sede
O vazio de amar.

Incógnita

Eu sou...

Eu sou luz no lago de trevas,

Sou a água que mata a sede no deserto

Sou a cura dos que deliram,

Ou o delírio dos que me buscam

Não sou prisioneira,

Ao contrário;

Liberto, provooco desejos;

Guio os passos aos que se aventuram em mim,

Desvendo mistérios – construo sonhos,

Dou vistas aos cegos,

Sou sabedoria e devaneio.

Para mim nada basta,

O desejo inquieta-me!

Busco sempre o novo,

Não importa a que preço,

Sou ousadia e segredos.

Na existência conhecida por muitos,

Mas compreendida por poucos

Atravesso séculos, sou atrevida!

Gosto de me aventurar no desconhecido,

E dou voz aos mudos.

Em alguns me manifesto grandiosa,

Já em outros, apenas existo!

Sou o ontem – o hoje e serei no amanhã!

Bernadete Crecêncio Laurindo

Sinop - MT

E por falar em ti...

Onde estás
Que te chamo
E não respondes?
Só o eco
Da saudade
Vem dizer
Que finito
É o tempo
De espera,
Que é hora
De esquecer,
Não tornarás.
E o vazio
Infinito
Que a tua
Ausência
Me traz
Repete o eco
Da minha voz
A te chamar:
Onde estás, onde estás, onde estás...

Dúvida

Tudo
Na minha
Vida

Se foi
Como foi
Que você
Permaneceu?

Ireneu Bruno Jaeger
Sinop -MT

Menina

O sol tira um cochilo
na sombra de uma nuvem.

A menina debruça
seu passado
na área do sobrado
mastigando amores
e dores mal digeridas.

Quando o sol
manda chuva pesada
desfeita em lágrimas
ela molha os sonhos
e pesadelos
e cabelos.

Verte água dos olhos.
Ela entra em si mesma.

Setembro/ centro oeste

A goela da noite
sorri sem um dente
sai logo da bocarra
fumarenta sangrenta
o fumo de um deus opaco
e grita sufocado
por entre as labaredas
safadas satânicas
devorando e sendo devorado
num horizonte em fogo
sem esperança de chuva
É setembro...

Rosane Gallert Bet

Sinop-MT

Não sou poeta

Não sou poeta

Apenas brinco de escrever

Não estudo palavras

Apenas transcrevo o que vem do coração

Não metrifico versos

Eles apenas brotam

Junto com as lágrimas

Ou com os sorrisos

Não sou poeta

Apenas materializo meu sentimento

As dores, tristezas

Cansaço, solidão

Também os risos

Alegria em explosão

Não sou poeta

Apenas floresce em verso

O que da alma brota!

Devaneios

Eu quero paz!
Onde a encontro?
Eu quero vida
viver com harmonia
com prudência e prazer
Eu quero o gosto do gosto
do amargo e do suave
Eu quero entender
porque parte de mim
se perdeu com o tempo
voou no vento
e aterrizou no limbo do esquecimento.
Eu quero esquecer
que agredir o papel
com poesias tortas
é um grito de desespero
de quem está galgando
um caminho obscuro
sem volta,
Eu quero voltar e entender
porque deixei a felicidade
na esquina da avenida
dos tempos de outrora.
Eu quero entender
porque eu,
Porque perdi o prazer
de emanar o amor
e solver o mar.

Mafalda Moreno
Várzea Grande-MT

Só

Há muito tempo
Que vivo num deserto.
Sinto falta de tudo.
De atenção
Carinho
Abrço
Um sorriso
Ou simplesmente, um olhar.
Estou só
Sem uma voz humana
Que enriqueça o meu deserto,
Ou alguém que me faça companhia.
No silêncio, somos beneficiados.
Ninguém nos fere.
Estou só, tenho sede...
Sede de tudo.
Menos de Deus.
ELE é minha única esperança
E me faz companhia.
Estou cercada desse céu azul e calmo,
Tendo uma luz a me guiar,
E estando só
Mergulho nesse oceano de palavras.
Que desperta
Essa frenética vontade de poetizar.

Eu e você

Tudo era completo
Naquele nosso cantinho.
Embevecidos com nosso amor,
Só eu e você

Esquecidos de tudo
O mundo era nosso
Sem não, nem por que.
Só eu e você.

Uma gruta qualquer,
Testemunha fiel,
Desse amor grandioso.
Só eu e você.

Envoltos no abraço
O tempo passava,
E ali éramos felizes.
Só eu e você.

Nosso amor secreto

Amamo-nos em segredo
O melhor da vida
É somente nosso
Amamo-nos em segredo
E meus mais doces desejos
São inteiramente vossos

Amamo-nos em segredo
Não por medo
Mas por opção
Amamo-nos em segredo
Porque o secreto
Tem mais emoção

Amamo-nos em segredo
Com todas as nossas vontades
Onde pudermos estar
Amamo-nos em segredo
Por quanto tempo quisermos
Sem as horas contar

Amamo-nos em segredo
Só nos importa viver
E o momento vislumbrar
Amamo-nos em segredo
Desligamos do mundo lá fora
E nos importa somente amar

Amamo-nos em segredo
E somente a nós compete
De esta paixão degustar
Amamo-nos em segredo
E escolhemos viver este amor
E ao mundo não revelar

Você

Tua vida, agora minha.
Meus beijos, agora teus.
Somos uma só vida
Somos um único beijo
Nada mais quero, se estas comigo.
Em nada mais penso, se estas a minha frente.
E nada mais desejo se tenho você
...a não ser você.

Maria Fernanda Ferreira

Sinop – MT

Coexistência

Elas coexistem
A beleza e o pânico
Sorriso e desespero
Empatia e destruição
Alegria não é falsa ela está ali
Só que não anda sozinha
Ela vem com muito
A intensidade gigantesca de tudo um pouco
Um caos de sentimentos distintos
E por fora um só
Aprendemos a controlar o que mostrar
Não o que sentir
Impotência coexiste constante
Em um grito absurdo por paz
Silêncio.
Coexistir dói
Ninguém vê a parte de dentro
Ninguém pode ver a verdade
Não temos o direito de sentir
Só que os sentimentos são tão vivos.
Coexistência pacífica de opostos
Dentro de um só
Conflito insistente
Intrínseco dentro do ser
Sentir vivamente
Uma dor tão profunda
Que não se consegue transmitir.

Outra

As vezes invejo a menina do espelho

Sempre feliz, bonita
As vezes quero saber o segredo
Desse sorriso singelo
Em meio ao caos.
Então entra na roda menina
Ensinas a não choras
Não sentir dor, raiva, rancor
Tira de mim os defeitos
Me torna mais um robô
Programada a não sentir
Não existe imensidão
Em um mundo criado,
Realidade desenhada
Para ver o que querem que vejam
Somente nosso reflexo no espelho.
Em momentos c r o n o m e t r a d o s
Cada segundo enxuto
A intensidade limitada na impaciência
Dos telespectadores desumanizados.

Camila Lazarrotto
Sinop-MT

Sobre ser

Que sejamos autênticos
Sobre nossos sentimentos,
Verdadeiros ao amar,
Sinceros ao ajudar
Não mesquinhos a compartilhar

Não sejamos hipócritas,
Ao ponto de se pôr como vítimas!
Que mesmo diante de tanto desamor
Possamos ser,
O calor que aquece
A mão que se estende,
Humildemente.

Que nossos atos correspondam,
Com nossas palavras,
Muitas vezes ditas em vão
Um simples ato "perdão" sempre deixado
Para última ocasião.

Que sejamos repletos,
De amor
Compaixão
A paz refletida,
Em cada coração.

Darcília Lebron Vargas
Lucas do Rio Verde-MT

Previsão do Tempo

Tudo parece imutável,
impossível;
mas nada é tão estático
quanto se vê.
As nuvens só não mudam de lugar,
nas paisagens de óleo em tela.

— Caso não saiba a previsão do tempo,
melhor levar um casaco e um guarda-chuva
ou sol.

A tempestade não será eterna; ...
Pode ser que vente, dê enchente.
Vou me permitir molhar...

A dor
A perda
A conquista;
não são permanentes.

Deleitar-se no prazo de erguer o troféu;
limitar-se em entender
o fato, o espaço,
sonho e realidade.

Arquivar etapas,
Refazer as malas e as metas,
Respeitar o tempo.

Gotas de Deus

Cada pingo d'água:
Uma gota óbvia!
Uma benção de Deus.

— Põe a lata na goteira;
só pra fazer poesia!

Olho na janela sobre a vista:
Névoa...
e o prazer de só olhar a chuva e nada mais.

Marilene Sousa Henning
Peixoto de Azevedo-MT

Minha fonte de Inspiração

A natureza
Em todo seu esplendor
Mostrando a obra do Criador
A flor exalando o seu perfume
O pássaro cantando na mata
As estrelas embelezando o céu
Obra de Nosso Senhor!
Toda a natureza me chama
A dar asas ao vento
Conhecer o mundo em pensamento
Me encantar com uma flor
Sendo beijada por um beija-flor.
Lembrando da gralha azul
Com suas penas da cor do céu
Vindo colorir a minha vida, com um lindo
troféu!

Felicidade é:

Ser livre no caminhar

Sorrir

Brincar

Correr

P

ula

r

Grit

ar

G

ostar

Namora

r

Beijar

Abraçar

AMAR!!!

O encantador de borboletas

No dia seguinte, Júlio avisa sua mãe que vai para a Floresta procurar as borboletas. Enomis não se preocupa. Sabe que o filho não irá muito longe. Na noite anterior, a mãe de Júlio havia chorado com saudades do marido e pensado no pequeno Júlio que ficaria sozinho no mundo caso ela viesse a faltar. Resolve afastar os pensamentos ruins e viver a cada dia ao lado do bem mais precioso que tinha: o filho.

Júlio estava onde mais gostava de estar: no meio das borboletas. A grande borboleta carrancuda era na verdade a protetora das demais borboletas que por serem frágeis viviam com medo de algo acontecer a elas. O menino não fazia a menor ideia disso e ficava conversando horas com as borboletas. Uma em especial tornou-se a sua favorita. Uma borboleta marrom e pequena que ele vira sair de seu casulo. A partir do nascimento desta borboleta, Júlio estava mais feliz, mais radiante e não faltava um só dia em seu passeio.

No ano seguinte, o menino começa a frequentar a Escola da comunidade em que foi morar com mãe. Tempos de descobertas e de aprendizados. Decidiu que estudaria pela manhã, a mão foi contrária a ideia. Júlio argumentou que as borboletas estão mais ativas no período da tarde. Assim enquanto

elas descansam pela manhã, ele estuda e a tarde eles se encontram. Não teve jeito de fazer o pequeno menino mudar de ideia. Logo ele estudaria na parte da manhã e iria brincar com as borboletas a tarde.

Todas as manhãs, bem cedo, Enomis e Júlio levantavam-se e faziam as ações de casa. Perto das sete horas saiam para a Escola. As onze, a mãe do menino ia esperá-lo e voltavam juntos. Às vezes, iam ao supermercado ou realizar outros afazeres, sempre juntos.

As pessoas da comunidade não entendiam como uma criança tão franzina sobrevivia. Olhavam-no com dó. E tinham pena também daquela pobre mãe que somente tinha aquela criança em quem se agarrar para viver. Depois que Iclew morreu, Enomis entendeu que já havia vivido seu amor na terra e não queria mais ninguém vivendo com ela e a criança. De pobreza e tristezas, bastavam-se mãe e filho.

Júlio retornava da Escola, almoçava e ia ter com as borboletas. Uma rotina que se estendeu por vários anos. Num dia de sábado, Júlio sentiu que as borboletas estavam próximas demais. Abriu a janela bem cedo e lá estavam elas voando ao redor do lago. Parecia que choravam. Júlio correu até o lago. Elas voavam em círculo. O menino chegou bem perto da água e avistou a asa da grande borboleta. Entendeu o que havia acontecido. A grande borboleta, a protetora de todas as demais, terminara os seus dias. Viveu muito para uma borboleta.

Júlio começou a chorar um choro lento. Forte. Desfalecido. No seu coração sentiu mais que cheiro de saudade de sua amiga. Pressentiu que as borboletas não choravam a morte de sua tão querida companheira. Choravam por ele. Choravam sua perda. Mas Júlio não compreendeu a imensidão do significado daqueles lamentos.

Neiva Guarienti Pagno
Lucas do Rio Verde-MT

A mesma história de sempre

Todo mundo tem um tio aventureiro. Daqueles que aprontam muito. Aquele que mata boi lá no pasto, que vai pescar e inventa de pegar uma sucuri pela unha, que caça tatu, capivara, porco do mato, que vai caçar à noite e enfrenta assombração, que já é adulto, mas parece uma criança arteira e vive dando dor de cabeça para a família.

Pois é... Eu tenho um tio assim, beem assim!

Este é um causo que ele conta sempre. Já contou tantas vezes que até acho que aconteceu mesmo. No começo eu não acreditava. Mas já passou muito tempo do acontecido e ele ainda narra a mesma coisa, detalhe por detalhe, a mesma história de sempre. Penso que não é enganação e que o fato se sucedeu realmente.

Era um dia de sol. Não um solzinho fraco, mas um sol amarelo ardente, da cor do ouro. Era de tarde. Ainda período da chuva, mas devagarzinho se aproximava a seca. Ainda tinha plantação verde, de milho e de algodão.

Meu tio resolveu sair para pescar. Falou para minha tia:

“Não se preocupe comigo. Vou pescar e só volto amanhã cedo. Vou posar lá no mato de sempre. Vou buscar o alimento.”

Aí ele seguiu. Sozinho não.

“Nunca estou sozinho. Deus vai comigo”,
como ele sempre dizia.

E foi.

Chegando no local, o mesmo de sempre, largou a velha moto amarela já caindo aos pedaços. Pegou sua “boroca” e entrou no mato que cercava o rio de sempre.

Pegou o facão de sempre e foi raleando a mata para poder se ajeitar. O sol ardente. Meu tio até suava de tanto calor.

“Vou arrumar um lugar pra dormir. Depois vou no rio pegar o alimento de sempre”, falou consigo.

Mas de repente, o inesperado. No ralo da mata de sempre, alguma coisa espionava o tio aventureiro.

E como nunca antes havia acontecido, não era nada como o que acontecia sempre.

“Ela estava lá, de olhos grandes amarelados, à espreita, quieta, me olhando... Nenhuma folha se mexia...Nem ela...Nem eu...O que fazer? Olhei as árvores, mas eram finas demais. Olhei o rio, mas ele estava longe. Correr? Acho que não dá. Gritei alto sai bicho! Ela nem se mexeu. Gritei de novo sai bicho! Quando pisquei o olho, ela ficou a um passo de mim: ofegante, nervosa, com os olhos grandes amarelados a me fitar. Ela era enorme, linda, apavorante. Com a pata dianteira erguida, pronta pra me atacar. Uma onça. Gritei bem alto sai bicho e com os braços no ar, segurando apenas o facão de sempre. Mas de repente, eu

a vi se virar pro lado e, num pulo suave entre as árvores da mata, afastou-se de mim e pulou pra dentro do rio”.

Agora o suor era mais forte, não por causa do sol. O susto. E que susto! Que medo! Que pânico! E o alimento de sempre ficou esquecido para trás.

E meu tio refez o caminho de sempre, de volta para casa, ainda pálido, assustado, incrédulo. Mas agora algo estava diferente dentro dele.

E os fatos de sempre foram tomados pelo inesperado, pelo inusitado, pelo imprevisível. Talvez uma nova chance de viver? Talvez uma nova maneira de mudar sua história? Talvez a vida, a partir daquele acontecimento, nunca mais seria a mesma.

E os dias se passavam e meu tio aventureiro contava essa história para os familiares, para os vizinhos, para os amigos da canastra, para o vendedor de queijos, para os parentes lá do sul... A mesma história de sempre.

Aí passei a acreditar que essa história não era engambelação. Era um caso real vivido por meu tio aventureiro.

Bianca Luísa Pagno
Lucas do Rio Verde-MT

Triste e inesquecível canto

Minha vida é simples e pacata. Moro num vilarejo distante dos centros urbanos, onde consigo ter contato com a natureza. E isso é muito bom: ouvir os pássaros, poder nadar no rio, andar descalço pela mata.

Certa vez, no período da seca, me deparei com um fato marcante em minha vida.

Assim que chegava o entardecer, eu ouvia um canto sofrido, mas não sabia o que era. Saía até o quintal de casa para tentar observar quem seria o cantor daquela sinfonia tão triste. Ficava pensando se era algum animal precisando de ajuda, mas nunca conseguia vê-lo.

Aquele canto melancólico me deixava comovida e com os cabelos em pé; uma sonoridade, ao mesmo tempo, impressionante e assustadora. Era uma melodia que vinha dos arbustos em frente à minha casa, um lugar com muita vegetação e grandes árvores, onde morava, certamente, um grande cantor.

Esse animal parecia se esconder confortavelmente entre os galhos e as folhas das árvores de manga e de jaca, como se fosse um camaleão.

Comecei a procurar na internet o som que esse artista produzia. Depois de alguns dias, descobri o seu verdadeiro nome, era o

Urutau. Um pássaro com uma plumagem marrom meio cinza, grandes olhos que, para mim revelavam tristeza, e uma boca grande, que sonorizava melodiosamente aquele triste e inesquecível canto.

Muitas pessoas o observam, veem ele como um pássaro sem beleza qualquer, se comparado a outros pássaros, entretanto passei a admirá-lo e apreciá-lo, porque tornou-se um fiel companheiro de todas as noites secas do verão.

E, então, chegou novamente o período da seca. Quanta ansiedade! O cantor da lua estaria de volta. Aguardava insistentemente a noite chegar. Mas não conseguia ouvir nada. Talvez na próxima noite. E também não ouvia nada. O que houve? Por que o urutau não veio para alegrar minhas noites?

E, com o passar dos dias, descobri que foi aquele trágico incêndio na área verde em frente à minha casa que destruiu seu habitat. Ele nunca mais veio. Ele nunca mais cantou nas noites secas do verão. E a tristeza dos seus olhos agora está estampada nos meus.

Obras incompletas

Ah! Poemas que escrevi
Alguns, jamais terminei
Simplesmente naufragaram
Nas lágrimas que chorei.

Canções que tentei compor
Em todas, perdi o tom
Ficaram deveras incompletas
Sem melodia, sem letra e som.

O Amor que tentei escrever
Nascido de uma fascinação
Adormeceu no rascunho
No cantinho do coração.

Uma história mal contada

Particularmente, não sou um bom contador de histórias, haja vista que sempre tive dificuldades de concentração e de gravar e reter na mente enredos, com algumas exceções.

Quando temos filhos, inevitavelmente nos deparamos com a necessidade de contarmos histórias, haja vista que toda criança, em algum momento de sua infância, terá predileção de ouvi-las.

Quando minhas filhas eram pequenas, tive que me ativar na função de "contador de histórias", mesmo sem muito jeito e habilidades para tal mister.

Numa dessas oportunidades, quando minha filha Mariane era criança, levei-a para dormir e o pedido veio, quase que automaticamente, com aquele brilho nos olhos que lhe era peculiar:

— Pai, conta uma história.

Depois de alguns instantes pensando em qual história contar, veio-me à mente que naqueles dias havia assistido ao filme de Crocodilo Dundee. Como não era um bom contador de histórias e resolvi adotar o que lembrava do filme para dar início ao enredo. Foi a maneira que encontrei naquele momento de atender aquele inocente pedido.

Então, inspirado e lembrando algumas cenas do filme do Crocodilo Dundee, iniciei meu novo desafio de contar uma história "mais ou

menos" baseada naquilo que eu lembrava do referido filme. À medida que eu ia contando, fui mesclando as passagens do filme com minhas invenções momentâneas que acabaram aguçando a imaginação daquela mente infantil, ávida por ouvir histórias.

Lembro-me que fui narrando aquela história e percebia o envolvimento dela, apesar do enredo meio desconexo. Por óbvio, também fui me envolvendo e depois de alguns "intermináveis" minutos concluí a narrativa. Senti-me aliviado e feliz por ter conseguido tamanha façanha: contar uma história com "começo meio e fim", conforme me ensinou a professora de português nos primeiros anos escolares.

A sensação de felicidade naqueles olhinhos, era algo maravilhoso. Só que tinha alguma coisa de insatisfação, haja vista que o tempo das crianças não é igual ao dos adultos. De repente, crendo que minha atenta ouvinte estava para dormir, olhando-me firme, estendendo a mão, quase como que implorando, disse:

— Pai, conta de novo a história do Crocodilo Dundee?

Ocorre que já não lembrava muito bem do que acabará de narrar, haja vista que, como disse, não fui nem sou um bom contador de histórias. Mesmo assim, para não a decepcionar, iniciei novamente.

As primeiras narrativas foram acompanhadas atentamente. Ocorre que, à

medida que eu "recontava" a história, as cenas já não se repetiam, o que logo começou a ser percebido pela Mariane, que a essa altura já demonstrava na face um ar de dúvida, dada a inconsistência da narrativa com a que acabara de ouvir anteriormente.

Prossegui mais um pouco, quando, repentinamente, minha narrativa foi interrompida bruscamente:

— Pai, essa não é a história do Crocodilo. Tá diferente.

Mesmo sendo uma situação comum entre pai e filha, por uns momentos fiquei sem saber o que dizer e muito menos o que fazer.

A alegação realmente me surpreendeu e tive que usar meu poder de convencimento e partir para outra história, dessa vez com apoio de um livrinho infantil.

Daquele dia em diante, todas as vezes que ia contar história para minhas filhas, sempre fazia uso do livro e lia para elas, para não correr o risco de, novamente, deixar uma história mal contada.

Mamãe e o rio

Mamãe olhou o rio e encheu-se de temor. Confiava no velho barqueiro. Porém, o Paraguai com suas águas barrentas intimidou aquela mulher que nascera a sua beira e que na infância havia brincado em suas águas.

Não por ela, mas, pelas oito crianças que a acompanhava, eram sete filhos e uma sobrinha. A mais nova com pouco mais de cinco anos.

— Se a senhora quiser ir, dona Joanice, nós vamos...

— Fazer o que, seu Gildo, não tem outro jeito...

O barco, que os ribeirinhos chamam de bote, mal coube as tralhas, a mulher e as crianças.

Mamãe recomendou que não fizessemos movimentos bruscos, assim, começamos o caminho por águas até a beira do rio Brejão muitos quilômetros abaixo de onde estávamos.

Morávamos num sítio cortado pelo rio Paraguai e Brejão. Devido à falta de condução, levamos muito tempo sem ir à cidade, às vezes, anos. Naquele tempo, tudo era muito difícil. Por isso, o jeito mais fácil de ir e voltar da cidade era de bote.

Tínhamos ido visitar nossos avós maternos que nunca iam ao sítio nos ver.

Daquela vez, mamãe e nós, ficamos dois anos sentindo por demais ausência de vovó Mariana e vovô Gilo. Hoje, fico imaginando como seria chegar, de repente, com sete filhos pequenos em casa alheia. E, por lá, ficar dias.

Sou a mais velha dos sete filhos e confiava cegamente nas ações de minha mãe. Nem por um momento, senti medo de estar naquele pequeno bote. Eu e meus irmãos medimos com as mãos o quanto faltava para o barco afundar. Um palmo e nenhum grão de medo no coração de criança. O velho barco era de madeira com um pequeno motor rabeta que fazia um som batido em dois tempos tá...tá...tá... que era quase uma canção de ninar na imensidão das águas.

Sáímos de Porto Estrela no começo da tarde. Mamãe nos colocou sentados de dois em dois no meio do bote. Ela sentou na proa com minha irmã caçula no colo. Não sei se pensou na possibilidade de o bote virar, mas, talvez, escolhesse entre nós, a pequenina para salvar. Minha mãe era afeita a água e nadava muito bem, entretanto, com tantos filhos, ela teria que escolher um.

O nosso piloto, seu Gildo, embicou o bote rumo ao Brejão. Ele era casado com dona Kalu, antigos amigos de nossa família. Era um homem com uma marca na testa que era afundada por um coice de mula que levara na infância. Habitado as águas do Paraguai, pescador e freteiro. Ribeirinho de baixa estatura de fala mansa e pouca. Tinha um

coração de pura bondade e grande apreço pelo meu pai, por esse motivo, arriscou-se a nos levar naquela viagem. Conhecia o curso do rio como a palma da mão.

Eu, menina de doze anos, rememoro um barquinho no meio da imensidão do Paraguai. Nossa mãe, não falou nessa viagem, creio que vinha orando a Deus pela nossa segurança ou quem sabe estivesse apavorada e não podia demonstrar. Há, sempre, o perigo de bater numa árvore que estivesse rodando, ou cruzar com barcos potentes que provocam ondas que poderiam desestabilizar o pequeno bote.

Já, nós, crianças estávamos por demais felizes para notar a real situação de perigo em que nos encontrávamos e nos distraíamos com a beleza que ladeada o rio e com o movimento das águas sendo singradas pela pequena embarcação. Volta e meia uma das crianças apontavam um jacaré tomando o sol da tarde em uma das margens. De repente, apareciam umas garças, araras, macacos e joãos-pescadores por todo curso do rio.

A viagem durou pouco mais de três horas e sem nenhum incidente, aportamos na beira do rio Brejão, fomos recebidos por meu pai que quando ouviu o ronco do motor do barco foi nos recepcionar.

Isso aconteceu há mais de trinta e oito anos e, hoje, ainda vejo aquela jovem mulher de com suas oito crianças e o barqueiro descendo o rio da vida com fé e coragem daqueles que fazem o que precisam fazer,

mesmo que o temor estivesse em suas almas, no entanto, a vivência com as águas do Paraguai os impeliram a entrar no bote e seguir o curso da vida.

Mamãe, papai, seu Gildo e Dona Kalu, já fizeram o caminho do rio infinito. Quanto a mim, continuo a descê-lo, com as mesmas águas turvas, até encontrar o barqueiro para travessia derradeira.

Emily, a estranha

Véspera de natal. Uma casa, a noite sombria e o toque do relógio da parede anunciavam dez horas. A sala mais parecia um estranho lugarejo adornado de pratos decorados e mobílias do ano de 2022. Ataviada de plantas secas e sem vida, esquecidas ali por acaso ou porque o tempo a ressecara. Os moveis estavam cobertos por lençóis já amarelados pelo tempo, pelas recordações de uma mente doentia e cruenta. O enorme quadro da parede retocava o ambiente como uma sombra densa e os olhos da mulher da foto: Tenebrosa e inesquecível Emily. Devorava cada minuto de transtorno e de dor. Depois que foi agredida no rosto não mais se governava. Vivia de utopia e sobrepunha-se das noites de insônias que lhe matava aos poucos. Já estava acostumada com a vida fria. Poderia ser humana, mas seu estado era deplorável. A mulher arrastou-se na cadeira de rodas e puxou para si um pequeno guardanapo que limpava sua boca depois de cuspir. Vestia-se quase sempre de roupas escuras e nunca abria as janelas daquela casa. Sentia ódio do mundo e da vida desgraçada que a fizera ser impotente. Ela fora atingida brutalmente por um ácido que lhe corroeou o rosto e a alma, num dia lastimoso. O rosto ficou irreversível. Nos

finais de tarde, a mulher não se importava com a escuridão, pretendia viver desolada no seu confinamento. Parecia não ter vizinhos, nem gritos de crianças. Somente o silêncio atormentava a mente daquela mulher. Cada um vivia em seus mundos. A rua sempre deserta. Emily levantou as cortinas da janela. Pretendia vingar-se de todos que a desprezaram naquele antro sórdido. Seus pés gélidos aumentavam ainda mais o calafrio do espírito. Os braços de Emily... Mutilados de unhas que rasgavam a sua pele deixando-a roxa. Ensartava em seu fêmur um resto de morfina numa seringa que deveria eliminar aquela dor de seu rosto quando bebia. Emily estava esperando o final do dia quando foi surpreendida por um policial e a viu de longe.

— Olá, bom dia moça.

— As mulheres deste povoado estão desaparecendo, cuidado garota!

— Sim, sim. Respondeu Emily sem se virar para o jovem que ficou desconfiado.

— Ei dona, olhe para mim!

Emily levanta a cabeça e encara o rapaz. Ele se surpreende com o rosto deformado de Emily e se choca. Nervosamente o rapaz procura sair dali e Emily não se contém numa risada tétrica. As dores chegaram ao mesmo instante, mais uma vez ela correu para aplicar mais morfina no próprio rosto. De repente Emily ver passar Sr. James, era o dono das casas velhas da vila. O homem aparentava ter uns 45 anos de idade. Uma pessoa bem-

sucedida. Sempre alegre e agradável a todos. Ele chamava a atenção das mulheres com seu charme sedutor. Durante o dia, Emily se arrastava no chão batido da casa. Tinha nascido paraplégica. Quando chegava a noite ela tinha que cumprir sua missão: Levar comida às mulheres que eram suas prisioneiras. No leito, trancada com cadeados, uma adolescente de pelo menos 16 anos sofria alforriada. Outra de 17 anos estava amordaçada para que não gritasse. Mais adiante outra quase desmaiada de dor. Elas sempre se chocavam com a chegada fúnebre da mulher sem rosto. Exilada em seus devaneios, falou com as mulheres prisioneiras:

— Hoje não haverá natal! Tirarei seus olhos para viverem eternamente num mundo sombrio.

Uma garota de 17 anos encara. Está presa, acorrentada. Ela a reconheceu e em seguida pergunta:

— Você? Meu pai mandava te buscar e agora deseja me matar? O que aconteceu com seu rosto? Totalmente deformado!

Emily olha para a garota e sai sorrindo:

— Sim, sou eu mesma.

A prisioneira começou a gritar quando viu Emily se aproximar com uma faca pequena.

— Não vai doer nada querida. Hoje é um dia lindo, uma data marcante, vai se lembrar eternamente do natal.

Emily queria vingar-se das garotas porque tinham a formosura no rosto e isso ela não podia mais ter.

Enquanto isso, O mimosear de taças e o toque de hinos natalinos enfeitavam as ruas do cento da cidade. Emily não suportava ter que ouvir em todo natal o mesmo Jingle Bells, o toque sinistro do Papai Noel criado pela imaginação das pessoas. Detestava ter que suportar as chaminés das famílias pobres que persistiam em dizer que eram felizes. Os pais agiam como fantoches. Compravam presentes caríssimos para ver sorrisos nas crianças e elas nada entendiam. Exibiam um tradicionalismo sem fundamentos. Emily preferia ver a cor pálida do seu rosto destituído do que ver a hipocrisia em lábios fingindo amar. O natal havia chegado naquela viela sem cor. Ela não tolerava ver gente coberta de presentes e um texto decorado falando de paz. As mulheres ficavam a advertir todo aquele cenário e com lágrimas nos olhos pediam absolvição a Emily. De repente, alguém adentrou no recinto; O senhor James. O que ele estava fazendo ali na casa maldita? Rapidamente os olhares curiosos das encarceradas escoltaram cada passo daquela criatura.

E Emily o questiona:

— O que fazes aqui?

Então é você que tem mantido essas garotas presas?

— Saia daqui velho asqueroso! Infeliz dia em que te ameí.

— Você destruiu minha vida quando matou minha mulher, agora vai morrer.

Ele mostra uma faca e as garotas gritam desesperadas.

Emily o adverte:

— Não chegue perto de mim. Lembre-se que você jogou ácido em meu rosto. Eu era uma garota normal.

— Você destruiu meu casamento. Agora quer se vingar nessas meninas que não tem nenhuma culpa.

Emily retira da meia uma pistola e atira subitamente no homem que cai sem vida. As garotas gritam e choram ainda presas. Mas a polícia acabara de adentrar na casa. Ela ainda sussurra:

— Você colocou ácido em meu rosto, no natal do ano passado. Agora morra!

A polícia estava vigiando a entrada da vila e escutou o barulho do tiro. De repente a porta se abriu e a polícia invadiu o recinto. As mulheres são soltas. As famílias das vítimas entram e se abraçam. Lamentam o sangue dos olhos de uma adolescente.

O corpo do Sr. James foi levado pela polícia. Mas onde estará Emily? O ódio do natal estaria ainda adoecendo seu coração? Todos a procuram, mas ela sumiu como um relâmpago. Se alguém fosse a qualquer casa da vila talvez surtasse porque ali era o lugar de um velho cemitério.

Manoel Rodrigues Leite

Sinop-MT

Quis custodiet ipsos custodes?

Quinze anos de trabalho prestados, servir e proteger a sociedade. Proteger de um inimigo muitas vezes invisível e na maioria das vezes invencível.

Meu nome é Reinaldo, sou policial civil, vivo para investigar e em muitos casos apenas arquivar. Mas, quando findamos um processo que vai a julgamento entre tantos trâmites quase sempre vejo o sujeito livre fazendo as mesmas coisas. Chego a pensar qual a razão de meu trabalho, que por sinal é muito diferente dos filmes americanos, nos quais cada dupla trabalha semanas, meses em um único caso. Na verdade, todos os dias temos mais casos novos do que horas, e as vezes minutos em um relógio. Então o que fazer? Talvez apenas continuar.

Nessa situação lembro do meu amigo Adalberto, ele era sonhador como todo jovem, como eu já fora um dia. Ele sempre dizia.

— O mais importante é não deixar o crime acontecer, e se acontecer pegar em flagrante. Isso sim é proteger!

— Sim, mas quem irá investigar e desvendar os crimes de uma vez? — dizia eu.

— Não sei. Só sei que ser policial militar protege mais do que civil. E é isso que serei.

Seguimos funções diferentes, e continuamos amigos e posteriormente compadres. Frequentemente tínhamos ocorrências em comum, crimes ou delitos que ambos atuavam investigando, atuando, prendendo ou apenas dando apoio logístico.

Me lembro de uma conversa que tivemos enquanto tomávamos aquela cerveja gelada, que anestesia a alma e revigora o corpo.

— Estou P. dá vida com toda essa situação (dizia Adalberto). Só porque o cara é de menor, ou melhor menor infrator, se não serei processado por preconceito ao assassinato de 17 anos que matou o Hermes. Quando fizer um ano de morte do sargento, o cara já estará livre. É muita sacanagem, e não se pode fazer nada.

— É quando não tem justiça, a vingança impera.

— Você acha que tem como fazer justiça? Se te pega vai ser preso, e condenado a ficar no mesmo pardieiro daqueles que você prendeu.

— Bebe! A sua cerveja antes que esquenta. Esfria a cabeça, se não é você que se quebra.

A minha tranquilidade era falsa, mas necessária, aquela situação também me revoltara. Simplesmente aprendi desde cedo que não se acende um cigarro ao lado de um barril de pólvora.

Aquela conversa tem quatro anos, é vívida, hoje ainda mais.

Não sei o que fazer com a revolta, vejo os amigos de farda, de copo e familiares ao redor do caixão do Adalberto. Morto em cumprimento do dever, por um cara de 16 anos que logo estará solto, não sei o que fazer, nem sei se tem o que fazer. A pergunta que me comanda nesse momento é a dúvida que sempre estive presente de maneira camuflada. Só que hoje é um grito desesperado, revoltado e acima de tudo agonizante:

— QUIS CUSTODIET IPSOS CUSTODES?

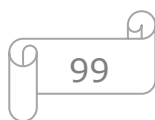
— QUEM GUARDA OS GUARDIÕES?

ANTOLOGIA DE ESCRITORES CONTEMPORÂNEOS

Cada mês uma nova História, somos muitos espalhados em viagens encantadoras. O objetivo é ajudar você a dar o primeiro passo, ou se você já faz parte deste universo, juntar-se a nós, e ser parte deste sonho que navega por mares profundos das letras.

Participe!
A História acontece...

WhatsApp (66) 99643-5501
Ações Literárias





EDITORA

EDITORA AÇÕES LITERÁRIAS
CAIXA POSTAL 785 - SINOP - 78.551-350
FONE (66) 99643-5501
www.escritorescontemporaneos.com.br
www.saberesonline.com.br

